

CARACTERIZAÇÃO DOS AGRESSORES E VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR: UM ESTUDO DE CASO.

Camilla Soccio Martins¹
Maria das Graças C. Ferriani²

Resumo: A pesquisa objetiva caracterizar os agressores, crianças e adolescentes envolvidos na violência sexual na família e que foram abrigados no Centro de Atendimento à Criança e Adolescente no ano de 1999 na cidade de Ribeirão Preto. A amostra consistiu-se de oito crianças e adolescentes abrigados na referida instituição. O instrumento de coleta de dados foi o mapa censitário fundamentado em Gil (1978), sendo preenchido utilizando dados das crianças e adolescentes abrigados. Os resultados obtidos mostram que a maioria das vítimas são do sexo feminino, entre 9 a 11 anos, oriundas de famílias pobres; os agressores foram em sua maioria os pais. Todos os agressores possuem o 1º grau incompleto e idade entre 30 a 34 anos. Notou-se relação entre alcoolismo/agressão, pois a maioria dos agressores fazia uso de álcool. Os dados encontrados apontam que há uma necessidade de resolutividade nas questões sociais e jurídicas que envolvem esse tipo de violência.
Palavras Chaves: violência sexual; crianças e adolescentes vitimizados; centro de atendimento; violência intrafamiliar.

¹Bolsista de Iniciação Científica CNPq/Graduanda em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *Endereço: R: Visconde de Inhaúma, 935, apto 03, Bairro: Centro, cep:14010-100 tel:(16) 6357918 Ribeirão Preto-SP. E-mail: camilla.martins@bol.com.br.*

²Orientadora/Profa. Titular do Depto. de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A violência na família é um fenômeno social específico, complexo multicausal, devendo ser estudada no contexto onde ocorre. Suas conseqüências são devastadoras para crianças e adolescentes.

O conceito de violência doméstica foi mais bem retratado por AZEVEDO E GUERRA (1971), o que denominou de violência doméstica definindo como todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico a vítima, implica, de um lado, numa transgressão do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento.

Entendemos que a violência doméstica contra crianças e/ou adolescentes configura um processo de vitimização, isto é, de transformação de crianças e/ou adolescentes em vítimas; é uma clara exacerbação do poder de autoridade e do dever de proteção parental que se inscreve na estrutura familiar.

A violência doméstica depende não só de fatores psicológico, sócio-econômicos e culturais, mas também da história familiar dos pais, que é composta de vivências acumuladas e relações com sua própria família, onde adquiriram conteúdo de experiências de socialização que serão passadas aos seus descendentes.

De acordo com a literatura, o abuso sexual pode ser considerado: todo ato ou jogo sexual, hetero ou homossexual, cujo o agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado que a criança e o adolescente. Tem por finalidade estimulá-la sexualmente ou utilizá-la para obter estimulação sexual. Estas práticas eróticas e sexuais são impostas às crianças e adolescentes pela violência física, ameaças ou indução de sua vontade. Pode variar desde atos que não existam contato sexual (voyerismo, exibicionismo), aos diferentes tipos de atos com contato sexual sem penetração (sexo oral, intercurso interfemural) ou com penetração (digital, com objetos, intercurso genital ou anal. Engloba ainda a situação de exploração sexual, visando lucros como a prostituição e a pornografia (NOGUEIRA, 1991; GUERRA, 1989).

Entretanto no abuso sexual doméstico o agressor trata-se de pais (biológicos, por afinidade), responsáveis (tutores...), parentes (irmãos, avós, tios, primos...). O fato de se tratar de uma violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes permite classificá-lo como incestuosa, entendendo-se por incesto *“toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha com ela uma relação de consanguinidade, seja de afinidade ou de mera responsabilidade”* (AZEVEDO E GUERRA, 1989).

Diante do exposto, vale lembrar que o estupro é definido no Código Penal Brasileiro (CP) como “constranger a pessoa a conjunção carnal mediante violência ou grave ameaça”. Deve ser destacado, que a conjunção carnal é a cópula pênis-vagina e que em casos de vítimas menores de 14 anos, o ato ainda que consensual, é de responsabilidade do adulto, já que a vítima não possui condições de compreender e avaliar as conseqüências do ato sexual. Ainda o mesmo Código, refere-se ao atentado violento ao pudor (AVP), como *“constranger alguém mediante violência ou grave ameaça a praticar ou permitir que se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal”* (BRASIL. CP, 2000. p. 103). Entende-se como ato libidinoso diverso da conjunção carnal, todo ato que fuja da natureza pênis-vagina, sendo aqui incluídos o coito oral, anal ou interfêmura, sucções volúpticas no corpo ou mamas, bolinagens e masturbação no corpo da vítima ou desta no ofensor.

Há uma interação entre as conseqüências orgânicas do abuso sexual de crianças e adolescentes, embora eles nem sempre estão presentes na vitimização. São eles :

- *Lesões físicas*

A violência física associada à vitimização sexual pode ser melhor compreendida se concordamos com a teoria de MOCK (1987), segundo a qual a violação tem um componente sexual, que não é todavia o mais importante. O que leva o agressor a praticar a violência física é a raiva e a intenção de controlar ou dominar sua vítima. Segundo essa autora, o agressor sexual é um ser inseguro, cheio de conflitos emocionais, que usa a violação como válvula de escape.

- *Lesões genitais e anais*

Esses tipos de lesões podem resultar não só coito mas também de práticas eróticas em que corre a introdução de objetos e mesmo dos dedos nos genitais de crianças e adolescentes. Segundo FERRARI (1979), essas lesões apresentam cifras crescentes nos serviços de atendimento médico de urgência, chegando a ser responsáveis por 37% das internações de emergências.

- *Gestação*

Pode ocorrer em mulheres adolescentes, que já ovulam. Há também as conseqüências psicossociais dessa gestação. Em estudos feitos por VITIELLO & Col. (1982), encontramos entre as gestações de adolescentes menores de 15 anos, o incesto em 92,8%.

- *Doenças sexualmente transmissíveis*

Conceituam-se como tais, doenças infecciosas transmissíveis prevalentemente pela relação sexual e/ou pelos atos que cercam o coito. Segundo DEJONG (1986), 44% dos casos em que se comprovou bacteriologicamente a infecção, não havia qualquer sintoma clínico, sendo recomendável que a pesquisa laboratorial seja feita de rotina nos casos de vitimização sexual.

- *Disfunções sexuais*

Essas conseqüências tem uma interdependência de fatores biopsicossociais. Influem diretamente quando, em conseqüência da própria lesão, o coito ou qualquer outra manifestação da sexualidade se torna difícil ou impossível. Inlui indiretamente quando as conseqüências advêm do tratamento ou de aspectos emocionais.

Além das conseqüências orgânicas são presenciadas conseqüências psicológicas vividas pelas crianças vitimizadas. É evidente que elas experimentam diversos problemas de adaptação psicossocial. Podemos agrupar em: distúrbios de sono/alimentação, dificuldade

de aprendizagem, fugas do lar, uso de álcool/drogas, prostituição infanto-juvenil, comportamento agressivo e tentativa de suicídio. Diante do exposto, a presente pesquisa focaliza a violência sexual doméstica, um fenômeno que nos possibilita vários questionamentos, em detrimento do caráter aterrorizador que essa ocorrência nos transmite.

2 - METODOLOGIA

A presente investigação é de cunho quantitativo-qualitativa fundamentada em MINAYO & SANCHES (1993). Utilizamos os dados quantitativos no sentido de complementar informações sobre a realidade investigada. Segundo MINAYO (1994):

"A pesquisa qualitativa é aquela que se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, aquela que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que por sua vez, correspondem a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis."

A pesquisa foi realizada no CACAV e ocorreu no ano de 1999. A amostra constitui-se de oito crianças adolescentes abrigados no CACAV e que sofreram violência sexual.

A amostra constitui-se de oito crianças adolescentes abrigados no CACAV e que sofreram violência sexual. Esta amostra pode parecer, a princípio, reduzida, mas se enquadra nos objetivos da pesquisa uma vez que observa-se no abrigo a significativa rotatividade das crianças e adolescentes.

Elegemos como instrumento de coleta de dados a observação livre, o mapa censitário (anexo) fundamentado em GIL (1978), que foi preenchido utilizando os dados das fichas das crianças e dos adolescentes e dos relatórios (de 1999) elaborados pela assistente social responsável por onde foi desenvolvida a pesquisa.

A coleta de dados ocorreu no próprio local onde são realizadas as denúncias, no período de fevereiro a junho de 1999 após o consentimento

dos responsáveis seguindo as normas da resolução nº 196/96 – CNS. A análise dos resultados foi através de leitura dos relatórios das assistentes social e dos dados provenientes do mapa censitário tratado pelo software Microsoft Access 2000, com vistas a estabelecer freqüência e cruzamento de algumas variáveis.

3-RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. Características das crianças e dos adolescentes

São oito crianças e adolescentes, cada um possui uma história de vida diferente, no entanto, a violação dos direitos e a pobreza são comuns. Identificamos inicialmente que todos os casos de violência sexual dessas crianças e adolescentes foram confirmados. De acordo com a tabela 3.1.1., são crianças e adolescentes de 3 a 16 anos. Quanto ao sexo predominou o feminino com 62,5 % seguido do sexo masculino com 37,5 %.

Tabela 3.1.1

Distribuição de vítimas de violência sexual segundo idade e sexo no CACAV de Rib. Preto no ano de 1999.

Idade	Sexo	Total	Freqüência
2-4 anos	Masculino	1	12,5 %
5-8 anos	Masculino	1	25,0 %
9-11 anos	Feminino	2	37,5 %
12 anos	Feminino	3	12,5 %
17 anos	Feminino	1	12,5 %
TOTAL		8	100 %

Fonte: Relatórios das Crianças e Adolescentes do CACAV, 1999

Segundo DESLANDES (1994) faixas etárias das crianças vitimizadas foram, mais freqüentemente, a de 5- 9 anos e a de 10 -14 anos. Tal conclusão confirma os estudos nacionais e internacionais sobre o tema que apontam

as crianças nessa faixa etária como vítimas mais freqüentes de violência doméstica (GIL, 1978; JUSTICE & JUSTICE, 1976; RUIZ, 1985).

Todas as vítimas são oriundas de famílias pobres que apresentam uma situação financeira entre 1 a 4 salários mínimos e 5 das vítimas não estudam.

3.2.Características dos Agressores

No que se diz respeito ao vínculo do agressor com a vítima, observa-se que na tabela 3.2.1. são os pais com 50 % em primeiro lugar, seguido de outros com 37,5 %, pai adotivo 12 % e padrasto 12,5 %. Em relação a ocupação do agressor 37,5 % são trabalhadores de produção industrial como: operadores de máquinas, condutores de veículos e trabalhadores assemelhados, seguidos de 37,5 % como trabalhadores que não podem ser classificados segundo a ocupação e 25 % sem informação. A maioria destes possui o 1º grau incompleto (75 %).

Tabela 3.2.1.

Distribuição de indivíduos segundo vínculo com a vítima e ocupação no CACAV de Rib. Preto no ano de 1999.

Vínculo com a vítima	Ocupação	Total	Freqüência
Pai	Trabalhadores de ocupação industrial	4	50,0 %
Cunhado da mãe	Trabalhadores de ocupação industrial	1	12,5 %
Marido da tia	Sem formação	1	12,5 %
Padrasto	Sem formação	1	12,5 %
Pai adotivo e filho da pai adotivo	Sem formação	1	12,5 %
TOTAL		8	100 %

Fonte: Relatórios das Crianças e Adolescentes do CACAV, 1999

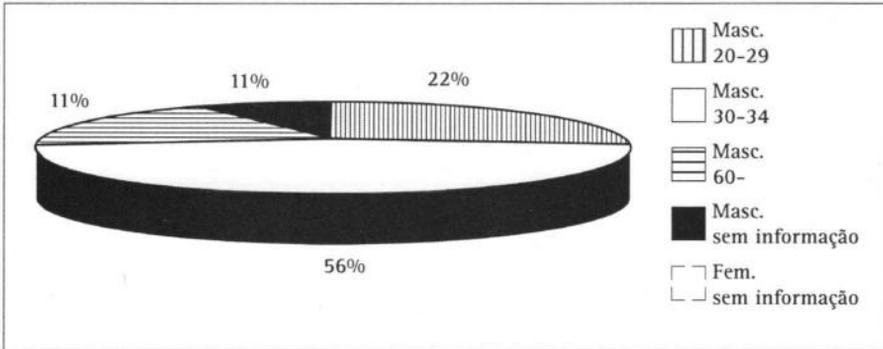
Esses resultados estão de acordo com a literatura que indica que, segundo PERRONI (1998), cerca de 90% dos agressores nos casos de violência doméstica são os pais biológicos ou padrastos, o que reflete a relação direta entre violência e gênero, como já assinalava FOUCAULT:

“O poder e o domínio masculino favorecem estilo de relação de imposição sobre os mais fracos (...) Os abusos sexuais e suas consequências (como a prostituição) seriam uma reprodução do funcionamento de sistemas humanos macrosociais onde os homens e os adultos, aproveitando-se abusivamente do seu poder, utilizam as crianças e as mulheres para satisfazer suas necessidades e resolver seus conflitos” (BRAVO, 1994, p. 144).

Quanto a idade e o sexo do agressor no gráfico 3, verifica-se que todos os agressores são do sexo masculino e variam de 30 – 34 anos (56%), 20 – 29 anos (22%), 60 anos (11%), e sem informação (11%).

Gráfico 3

Distribuição de números de agressores segundo idade e sexo no CACAV de Rib. Preto no ano de 1999



Fonte: Relatórios das Crianças e Adolescentes do CACAV, 1999

A literatura mostra que há um número reduzido de mulheres agressoras sexuais de crianças e adolescentes. Os homens são preponderantemente os agressores.

Nota-se que há uma relação entre o alcoolismo e a agressão pois 5 dos 9 agressores fazia uso de álcool.

A literatura internacional aponta que cerca de 30 a 50% dos agressores sexuais são alcoólatras. Salienta-se que já existe uma predisposição

para vitimizar sexualmente as crianças e/ou adolescentes. O alcoolismo não causa a vitimização, mas funciona como facilitador quando a predisposição para que ela ocorra já existe.

Quanto à agressão, sete (7) vítimas sofreram prática de atos libidinosos sendo que dessas, quatro (4) foram estupradas. Das que foram estupradas, duas (2) tiveram conseqüências orgânicas como: lesões genitais e físicas verificados pelos médicos e em dois (2) casos as vítimas que sofreram prática de atos libidinosos por parte dos agressores também apresentaram lesões genitais e físicas da mesma ordem. Três (3) das vítimas que tiveram ferimentos verificados pelos médicos eram irmãos, ou seja, foram agredidos pelo mesmo agressor.

A respeito das conseqüências psicológicas para as vítimas, verificamos que quatro (4) vítimas apresentavam dificuldades na aprendizagem, comportamento agressivo e fugas do lar.

Todas as vítimas foram encaminhadas para terapia individual e terapia em grupo. Sete (7) das vítimas voltaram a morar com seus familiares, sendo que uma está sob observação da assistente social, outra foi permitida manter-se no lar com a determinação da saída do agressor, três (3) delas estão morando com a mãe sendo que o agressor (pai) foi preso, uma (1) mora com a irmã que tem sua guarda e as outras duas (2) continuam institucionalizadas.

4. CONCLUSÃO

A violência sexual é um fenômeno complexo que envolve vários fatores a serem considerados.

Os dados demonstraram que no universo de crimes sexuais praticados contra crianças e adolescentes que são vítimas potenciais, deve-se levar em conta o aspecto econômico cultural, onde a maioria das vítimas não estudam e a renda familiar gira em torno de 4 salários mínimos. Esse aspecto abrange o agressor, sendo uma de suas características o pequeno grau de instrução escolar, ou seja, todos com o primeiro grau de escolaridade incompleto.

Outro aspecto importante a ser notado é o uso de drogas /álcool pelo agressor sendo um fator desencadeante para a prática potencial do abuso sexual.

Os dados encontrados apontam que há uma necessidade de um maior grau de resolutividade nas questões sociais e jurídicas que envolvem esse tipo de violência contra crianças e adolescentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVIN, P. Os adolescentes vítimas de abusos sexuais. In: GABEL, M.(org.), *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V.N.A. *Pele de asno não é só história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Roca, 1988.
- AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.A. *Violência doméstica na infância e na adolescência*. São Paulo: Robe Editorial, 1995.
- DE JONG, A.R. *Sexually transmitted diseases in sexually abused children* Sextransdis 13:123;1986
- FERRARI, D.C.A. A vitimização física e sexual na família e o papel da instituição. In: *Cadernos de Psicodrama: psicodrama nas instituições*. Ágora, 1990. p.105-106.
- FUNDAÇÃO IBGE. *Crianças e adolescentes: indicadores sociais*. Rio de Janeiro, v.2 p.19, 1988.
- FURNISS, T. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GOMES, R.A . Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 4ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes , 1994. p.67-80.
- MINAYO, M.C.S. & SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade? *Cad. Saúde Públ.* v.9 (Supl. 3) Rio de Janeiro, 1993. p.239-262.

- MINAYO, M.C.S. & ASSIS, S.G. Saúde e violência na infância e na adolescência. 239-262-. v. 70, n.5, Rio de Janeiro, 1994. p. 263-266.
- MINAYO, M.C.S. & SOUZA E.R. *É possível prevenir a violência ?* Reflexões a partir do campo da saúde pública. Ciência & Saúde Coletiva, ABRASCO. Associação Brasileira de Pós -Graduação em Saúde Coletiva, v. 4, n.1, 1999.
- MINAYO, M.C.S. & SOUZA, E.R. *Violência e saúde como campo interdisciplinar e de ação coletiva: história, ciência e saúde IV*, Rio de Janeiro, 1998. p. 513-531.
- MINAYO, M.C.S. et al. Bibliografia Comentada da Produção Científica Brasileira sobre Violência e SAÚDE (Panorama ENSPZ). FIOCRUZ /Secretaria de Desenvolvimento Educacional, Rio de Janeiro, 1990. 168 p.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Convenção das Nações Unidas sobre o Direito da Criança. Art. 19, 1989.
- SANTOS, H. O. *Crianças Violadas*. Brasília: CBIA/CRAMI, 1991.
- TRIVINÕS, A. N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.
- VITIELLO, N. *Vitimização: conseqüências orgânicas* in Azevedo, M.A. & GUERRA, V.N.A.(org) *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989.